

**Relações e reflexões entre a competência linguística de Noam Chomsky e a competência discursiva de Dominique Maingueneau**  
**Relations and reflections between Chomsky's linguistic competence and Maingueneau's discursive competence**

Manuel Veronez\*

---

**RESUMO:** O presente trabalho tem o objetivo de fazer uma relação reflexiva entre as noções de competência linguística de Noam Chomsky (1978) e as noções de competência discursiva de Dominique Maingueneau (2008), apresentando pontos de convergência e de divergência entre as duas noções, capazes de confirmar a pertinência e importância teórica de se tentar dialogar duas teorias bastante antagônicas entre si, em princípio: o Gerativismo e a Análise do Discurso de linha francesa. Num primeiro momento, será explicitado o conceito de competência linguística para Chomsky (1978), após, em um segundo momento, será explicitado o conceito de competência discursiva para Maingueneau (2008) e ao final, numa terceira etapa, será apresentada uma relação e uma reflexão entre esses dois conceitos de competência e suas respectivas teorias de base, verificando se essas duas noções e teorias são ou não excludentes entre si.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise do Discurso (França). Gerativismo (EUA). Competências.

---

**ABSTRACT:** This article aims to make a reflective relationship between Chomsky's linguistic competence (1978) and Maingueneau's discursive competence, presenting points of convergence and divergence between the both notions, able to confirm the relevance and theoretical importance of trying to join two very antagonistic theories: the generativism and the French speech analysis. First, it will be explained the concept of linguistic competence to Chomsky (1978), after, in a second stage, will be explained the concept of discursive competence to Maingueneau (2008) and at the end, a third step, it will be presented a relationship and a reflection between this two concepts of competence, watching if that these two notions and theories are or are not mutually excluded.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis (France). Generativism (USA). Competences.

---

## 1. Sobre a competência linguística

Iniciaremos o texto apresentando a noção de competência linguística pensada por Noam Chomsky (1978), especificamente em sua obra intitulada *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. Vale ressaltar que muitas outras ideias vieram depois dessa obra de 1978, como os princípios e parâmetros e o minimalismo, por exemplo, mas, o que interessa para este artigo, pontualmente, são as bases elementares da teoria de Chomsky (1978) que fizeram gerar essas implementações.

---

\* Doutorando em Estudos Linguísticos (bolsista CAPES) pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Essa noção de competência linguística, desse modo, é bastante importante para sua teoria, sendo praticamente o centro que rege todo este específico sistema linguístico, doravante nomeado de Gerativismo.

Chomsky (1978) apresenta a gramática gerativa enquanto teoria da competência linguística. Ele afirma que existem regras que delimitam as sequências bem elaboradas de unidades mínimas com função sintática (denominadas como elementos formativos) e que agrupam informação estrutural de vários tipos. Estas regras, por sua vez, são a componente sintática das gramáticas gerativas.

Desse modo, o autor afirma que a sua teoria da competência linguística, interligada à gramática gerativa, tem como objeto teórico de análise um falante-ouvinte ideal, que está dentro de uma comunidade linguística homogênea e que conhece sua língua perfeitamente, capaz de usá-la e de articulá-la numa performance linguística (desempenho) sem grandes problemas ou imprevistos. Assim, para se estudar a performance linguística, é preciso levar em consideração a interação de inúmeros fatores, entre eles a competência linguística própria desse falante-ouvinte ideal.

A competência linguística, então, é definida, pelo autor, como o conhecimento (mental e inato) que o falante-ouvinte possui da sua língua, enquanto que o desempenho se define pelo uso efetivo da língua em situações concretas. Este desempenho, entretanto, não reflete, dentro da realidade dos fatos, a competência. Para o estudioso norte-americano em sua nova proposta teórica, a teoria linguística tem de ser mentalista, pois seu objetivo é descobrir uma realidade mental imanente ao comportamento efetivo do falante-ouvinte ideal.

A gramática gerativa, definitivamente, para Noam Chomsky (1978), é explícita, isto é, vai além da competência linguística própria do falante-ouvinte ideal, ela se procede na análise explícita do contributo, bastante diferente das gramáticas tradicionais, às quais o próprio autor faz críticas. Segundo ele, as gramáticas tradicionais (exatamente as de vertente estruturalista e saussuriana) são deficientes, porque elas não formulam, na sua grande parte, as regularidades básicas da língua a que se referem. Com isso, dentro de uma língua, na perspectiva chomskyana, há a gramática universal (de observações gerais) e há uma gramática particular (de observações próprias da língua em questão).

A gramática universal, juntamente com a competência linguística, tem a ver com o aspecto criativo (intuição), dessa maneira, Chomsky (1978) defende a gramática gerativa afirmando que ela tenta realizar uma composição explícita dos processos criativos da

linguagem, uma tentativa que não foi elaborada pelas gramáticas tradicionais. Para uma melhor reflexão sobre a gramática gerativa, proposta pelo autor, ele salienta que ela é um sistema de regras que atribui descrições estruturais às frases, tentando demonstrar aquilo que o falante sabe efetivamente, não sendo, entretanto, um modelo do falante ou do ouvinte ideais, mas uma caracterização do conhecimento da língua que dá o alicerce para o uso efetivo dela por um falante-ouvinte ideal.

Em relação à teoria da performance, isto é, do uso linguístico, Chomsky (1978) apresenta um conceito importante, o de aceitabilidade, que são enunciados naturais e perfeitamente compreensíveis, enquanto que para a teoria da competência, o conceito de gramaticalidade (sistema de regras linguísticas binárias, genéticas e universais) é que tem importância para se realizar os estudos desejados. Assim, a gramaticalidade (competência) é um dos fatores que determinam a aceitabilidade (desempenho). O estudo de modelos da performance também pode ser proveitoso, se incorporado à gramática gerativa.

A gramática gerativa, para Chomsky (1978), possui uma organização. Segundo ele, a gramática gerativa é um sistema finito de regras que podem gerar um número infinito de estruturas, dentro de uma interação. A gramática gerativa, não obstante, possui três componentes: um componente sintático, um componente fonológico e um componente semântico, ou seja, ela se estrutura na frase (ordem das palavras), no som (o fonema) e no sentido (interpretação das frases). Em consequência disso, há dentro da gramática gerativa uma estrutura profunda, relacionada à interpretação semântica dos *inputs*, através da competência linguística e uma outra estrutura de superfície, relacionada à interpretação fonética e ao desempenho.

Chomsky (1978) afirma que a competência linguística precisa gerar e relacionar, em cada frase, uma estrutura profunda e uma estrutura de superfície, e uma estrutura profunda com uma estrutura de superfície, isto é, há uma sequência básica subjacente de procedimento: a frase, que é um indicador sintagmático de base, nada mais é do que a fusão entre a estrutura de superfície e a estrutura profunda. Dessa feita, o autor apresenta uma justificativa para a gramática gerativa. Para ele, o falante nativo possui uma intuição linguística (criatividade) para com sua língua, tem todo o conhecimento gramatical, estrutural e linguístico de modo geral dessa língua nativa (via competência linguística), porém, esse conhecimento é intuitivo, virtual, abstrato.

Uma gramática, para Noam Chomsky (1978), pode ser uma teoria de uma língua, capaz de descrever adequadamente a competência intrínseca do falante nativo ideal. Com isso, o autor afirma que uma criança relaciona os dados linguísticos partindo de um princípio: estes dados são retirados de uma língua bem definida previamente, ou seja, sendo dados comuns a todas as línguas existentes, havendo similaridades em todas as línguas do mundo.

Percebe-se que o intuito do autor é desenvolver uma teoria dos universais linguísticos e que a noção de competência linguística é assaz importante para o desenvolvimento desta teoria, capaz de explicar a rapidez e uniformidade de aprendizagem da linguagem. Tal teoria estuda as propriedades de qualquer gramática gerativa de uma língua natural e é por esta razão que a gramática gerativa é, também, o produto da aprendizagem da linguagem. A partir dessa afirmação, o autor apresenta os conceitos de universais formais e universais substantivos, em que os itens linguísticos de qualquer língua precisam ser extraídos de uma classe rígida e fixa de itens.

Os universais formais podem se relacionar com as componentes sintática, fonológica e semântica da língua(gem), trazendo uma ideia de propriedade geral (comum) das línguas naturais. Esses universais formais, para Chomsky (1978), se relacionam mais com o caráter das regras que surgem nas gramáticas e com os modos de suas interconexões, por meio da competência linguística. Os universais substantivos, por sua vez, se integram ao vocabulário para poderem descrever a linguagem. O conhecimento da língua (competência) pela criança vai além dos dados linguísticos primários que ela recebe, mas tal conhecimento não se dá de modo indutivo, é sempre mental, genético, abstrato.

A partir do que foi exposto alhures e de acordo com o autor norte-americano, devem-se criar pressupostos gerais acerca da natureza da linguagem capazes de deduzir traços particulares das gramáticas das línguas individuais, isto é, uma progressão em direção à adequação explicativa. Desse modo, Chomsky (1978) reafirma a sua teoria linguística e acrescenta o processo de aquisição da linguagem, afirmando haver abordagens empíricas e racionalistas que tentam dar conta do processo de aquisição/aprendizagem da linguagem. Têm-se, assim, os mecanismos de processamentos periféricos (empirismo) e o inatismo (racionalismo), dada a capacidade do indivíduo de pensar e refletir.

Além dessas perspectivas de aquisição da linguagem, o autor retoma também o pensamento de Humboldt, que diz que não se pode ensinar uma língua a uma criança, o que se faz, no máximo, é apresentar as condições em que esta língua poderá se desenvolver, de maneira

espontânea dentro da mente humana. A aprendizagem na perspectiva humboldtiana, como afirma Chomsky (1978), é uma questão de *Wiedererzeugung*, ou seja, a extração daquilo que é inato na mente (sem a interferência da experiência). O pesquisador norte-americano, evidentemente, está de acordo com os pressupostos de Humboldt e com a abordagem racionalista para o estudo e entendimento da aquisição da linguagem (via competência linguística).

Enfim, podemos salientar e resumir que a noção de competência linguística, desenvolvida por Noam Chomsky (1978) em sua proposta de uma gramática gerativa, é abordada como um conhecimento mental e inato (virtual e abstrato) que o falante-ouvinte ideal possui da sua língua, se relacionando com aspectos criativos e intuitivos de criação de frases, em que há um sistema de regras que demonstra aquilo que o falante sabe efetivamente de sua língua, sendo estas regras de caráter binário (em uma metáfora computacional), genético e universal (caracterizando uma gramaticalidade), numa abordagem mentalista com o objetivo de encontrar uma realidade mental própria ao comportamento efetivo do falante-ouvinte ideal.

## **2. Sobre a competência discursiva**

Neste momento, apresentaremos a noção de competência discursiva desenvolvida por Dominique Maingueneau (2008), em seu livro intitulado *Gênese dos discursos*. Neste livro, ele apresenta sete hipóteses que tentam explicar a gênese dos discursos, ressignificando à abordagem da Análise do Discurso de linha francesa. Porém, nos dedicaremos apenas à 4ª hipótese, em que o autor discorre a respeito da competência discursiva.

Segundo Maingueneau (2008), não é possível conceber a gramática de um discurso, pois o discurso não tem uma língua específica (própria), algo que toda gramática exige que se tenha. Ao invés da ideia de língua, o pesquisador francês propõe para o discurso um conjunto de enunciados gramaticais que são submetidos a certo sistema de restrições semânticas específicas, que os fazem pertencer, assim, e paradoxalmente, a um discurso estabelecido e a um campo discursivo determinado (a uma conjuntura histórica específica).

Esse sistema de restrições semânticas globais, para o autor, não objetiva produzir frases gramaticais simples e “puras”, mas sim operadores de individuação, isto é, uma espécie de filtro semântico que delimita quais textos podem ser ditos e produzidos e quais não podem, a partir

dos critérios estabelecidos pela formação discursiva<sup>1</sup> dada, isto é, por determinado posicionamento discursivo inscrito em um campo discursivo especificado. Desse modo, as estruturas da língua (qualquer língua que seja) são um elemento prévio para se pensar o discurso e a noção de filtragem desses textos produzidos se pautam em dois domínios: 1) o universo intertextual como espaço onde circulam actantes, relações, axiologias, narrativas etc.; e 2) os vários dispositivos retóricos acessíveis à enunciação (gêneros literários, modos de argumentação etc.).

Para Dominique Maingueneau (2008), de uma maneira bem resumida, é justamente esse sistema de restrições semânticas globais que caracteriza a competência discursiva. Para ele, a competência discursiva está necessariamente ligada à história (em suas conjunturas, momentos e épocas), bem como ao sujeito, doravante chamado, nesse momento, de enunciador. A competência discursiva, então, de acordo com o autor, está relacionada ao enunciado e ao posicionamento discursivo que o delimita, ou seja, às várias e infinitas produções de textos possíveis a partir de esquemas (modelos) semânticos elementares (finitos).

A competência discursiva não é um sistema que se refere a um sujeito individual e a uma consciência coletiva, mas a um campo específico que define (a partir de seu sistema e suas regras) o lugar possível dos seus sujeitos enunciadores, os permitindo enunciar. A competência discursiva de Maingueneau (2008) é pautada por restrições históricas e sistêmicas, ancoradas ao posicionamento discursivo que as estabelece. Segundo o autor, essa noção de competência discursiva permite esclarecer o movimento próprio do discurso e a capacidade do enunciador (sujeito) de interpretar e produzir determinados enunciados que decorrem desse mesmo discurso articulado. Assim, postula-se que é possível haver uma simplicidade do sistema de restrições do discurso e a possibilidade de dominá-lo, por qualquer sujeito enunciador (desde que esteja vinculado a um sistema de restrições semânticas).

De acordo com Maingueneau (2008), a competência discursiva dá conta apenas das regularidades interdiscursivas historicamente definidas, ou seja, ela se sustenta através do posicionamento discursivo específico que a molda, a estrutura e a permite produzir enunciados possíveis através dos sujeitos enunciadores. Com isso, percebe-se que o grau de coesão de um

---

<sup>1</sup> Na obra *Gênese dos discursos* (2008), no “Prefácio do autor”, Maingueneau esclarece que o termo “formação discursiva” foi utilizado de maneira “frouxa”, já que hoje se falaria preferencialmente em posicionamento, que deve ser compreendido como uma identidade enunciativa forte, um lugar de produção discursiva bem específico no interior de um campo discursivo também específico. Segundo Charaudeau & Maingueneau (2004), o termo posicionamento designa, ao mesmo tempo, as operações pelas quais essa identidade enunciativa se instaura e se conserva num campo discursivo, e essa própria identidade.

posicionamento discursivo para um enunciador é mais importante do que o grau de homogeneidade entre os indivíduos (seus dados mais biográficos), pois é o sistema de restrições semânticas globais do posicionamento discursivo que cria e estabelece o modelo de competência discursiva e, conseqüentemente, seus possíveis e pertinentes enunciados.

O professor-pesquisador francês afirma que a competência discursiva não é uma questão de crença, mas sim um fato discursivo, em que confere um lugar privilegiado à noção de heterogeneidade: capaz de articular os enunciadores que pertencem ao mesmo posicionamento discursivo, os textos de um mesmo enunciador e até mesmo as diversas partes de um mesmo texto. Percebemos, assim, que a competência discursiva é comparada a um modelo, isto é, não é uma estrutura imóvel, rígida e inflexível, mas uma organização que se filtra (se molda) a partir de restrições semânticas já estabelecidas dentro do próprio discurso (posicionamento discursivo) e de seu campo discursivo específico.

Enfim, a competência discursiva de Dominique Maingueneau (2008) deve ser encarada enquanto um modelo, enquanto um delimitador dos enunciadores e enunciados, a partir das regras do sistema de restrições semânticas globais dos posicionamentos discursivos que estão em jogo. No interior de uma conjuntura histórica dada e do processo de interdiscursividade, o enunciador reconhece, então, a partir da competência discursiva em que se filia, o que pode e deve ser dito. Este modelo, para o autor, tem que dar conta do pertencimento discursivo dos textos criados e envolvidos em determinados posicionamentos discursivos, em que critérios internos e externos a esses textos podem ser considerados, mas principalmente, fazer os recortes necessários de determinados textos a partir da imposição semântica dada pelo sistema de restrições semânticas globais do posicionamento discursivo considerado.

### **3. Sobre a relação entre a competência linguística de Chomsky e a competência discursiva de Maingueneau**

Nesta parte final, procuraremos estabelecer uma relação reflexiva entre o conceito de competência linguística de Chomsky (1978) e o conceito de competência discursiva de Maingueneau (2008), que foram apresentados nas duas seções anteriores deste trabalho. Dessa maneira, em uma proposta de relação, deve-se pensar em dois caminhos interdependentes de reflexão: tentar apresentar aspectos e abordagens que são convergentes as duas teorias e também, tentar apresentar aspectos e abordagens divergentes entre elas. Este artigo, com isso, objetiva a busca de um trabalho teórico que se mostra pertinente e interessante para as duas

teorias linguísticas em questão, o Gerativismo e a Análise do Discurso de linha francesa. Sabemos do tom desafiador desse trabalho, pois se trata de dois lados, aparentemente, opostos: um extremamente formal e outro discursivo.

Podemos perceber e verificar em relação ao conceito de competência linguística de Chomsky (1978), que ele está voltado totalmente para o indivíduo, mas um indivíduo ideal, que fala uma língua também ideal, ou seja, sua alçada se estende pura e simplesmente ao falante-ouvinte ideal. Já em relação à competência discursiva de Maingueneau (2008), ela está inclinada em um campo discursivo determinado, onde se contemplam os posicionamentos discursivos que delimitam a posição dos sujeitos enunciadore e os enunciados produzidos e/ou reproduzidos por eles, a partir de um sistema de restrições semânticas globais específicas. Vemos, assim, uma relação de divergência entre os dois conceitos, respectivamente:

A teoria linguística tem como objecto um falante-ouvinte ideal, situado numa comunidade linguística completamente homogénea, que conhece a sua língua perfeitamente, e que, ao aplicar o seu conhecimento da língua numa performance efectiva, não é afectado por condições gramaticalmente irrelevantes tais como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e de interesse, e erros (casuais ou característicos). (CHOMSKY, 1978, p.83).

Entretanto, não se deve dissimular que a noção de competência pode apresentar o inconveniente de levar alguns à ideia de um sistema “referido a um sujeito individual, a algo como uma consciência coletiva”<sup>2</sup>, em vez de supor “um campo anônimo cuja configuração define o lugar possível dos sujeitos falantes”<sup>3</sup>, “uma função vazia que pode ser preenchida por indivíduos até certo ponto indiferentes quando eles acabam por formular o enunciado”<sup>4</sup>. Em compensação, ela apresenta a vantagem de não supor uma exterioridade absoluta entre a *posição* enunciativa e os Sujeitos que vêm ocupá-la. Porque é necessário pensar de uma forma ou de outra no fato de que essa posição seja ocupável, que o discurso seja enunciável. (MAINGUENEAU, 2008, p.51).

Outra característica da competência linguística de Chomsky (1978) que parece divergir da competência discursiva de Maingueneau (2008) é em relação as suas estruturas. Enquanto que a competência linguística possui uma estrutura profunda, um sistema de regras linguísticas inato e genético (de natureza subjacente), a competência discursiva apresenta um modelo simples e flexível (de natureza ideológica), moldado de acordo com o sistema de restrições semânticas delimitado pelos posicionamentos discursivos inscritos em um determinado campo

---

<sup>2</sup> Arqueologia do saber, p. 141.

<sup>3</sup> Arqueologia do saber, p. 141.

<sup>4</sup> Arqueologia do saber, p. 107.

discursivo, em seu aspecto histórico. Temos, assim, mais um ponto de distanciamento entre os dois conceitos de competência aqui mobilizados:

Para o linguista, assim como para a criança que aprende a língua, o problema consiste em determinar, a partir dos dados da performance, o sistema subjacente de regras que foi dominado pelo falante-ouvinte e que ele põe a uso na performance efectiva. Logo, no sentido técnico, a teoria linguística é mentalista, na medida em que tem como objectivo descobrir uma realidade mental subjacente ao comportamento efectivo. (...) Uma gramática de uma língua pretende ser uma descrição da competência intrínseca do falante-ouvinte ideal. Se a gramática for, além disso, perfeitamente explícita – por outras palavras, se não se apoiar na inteligência do leitor compreensivo, mas se, em vez disso, fornecer uma análise explícita do seu contributo – podemos chamar-lhe (de um modo um tanto ou quanto redundante) uma *gramática generativa*. Uma gramática totalmente adequada deve atribuir, a cada uma das frases de um conjunto infinito, uma descrição estrutural que indique como é que essa frase é compreendida pelo falante-ouvinte ideal. (CHOMSKY, 1978, p.84).

O princípio de uma competência discursiva permite esclarecer um pouco a articulação do discurso e a capacidade dos Sujeitos de interpretar e de produzir enunciados que dele decorram. Nesse ponto, retomamos uma problemática clássica em gramática gerativa, a do modo de aquisição das estruturas gramaticais. Para Chomsky, as hipóteses sobre a gramática também devem permitir explicar a aptidão notável que têm os falantes para aprender rapidamente a partir de um número limitado de *performances*. No caso da competência discursiva, mais que invocar uma espécie de “impregnação” misteriosa para explicar sua aquisição, seria mais verossímil postular que existe uma relação estreita entre a simplicidade do sistema de restrições do discurso e a possibilidade de dominá-lo. (...) Mas o que se mantém como determinante é que, sem a construção de um modelo que apresente uma coerência semântica máxima, seríamos completamente incapazes de atribuir um conteúdo minimamente preciso... (MAINGUENEAU, 2008, p. 52,53 e 59).

Para Chomsky (1978), sua competência linguística está ancorada à aplicação de regras formais e sintáticas, em que a intuição do falante-ouvinte ideal é um fator preponderante para a teoria. A ideia de criatividade vinculada à gramática gerativa e sua forma de competência (abstrata e profunda) surge a partir da noção da gramática universal. De acordo com Maingueneau (2008), por sua vez, a competência discursiva se apresenta como um delimitador semântico (nem superficial, nem profundo, mas global semanticamente), um filtro que filtra os sentidos e os enunciados derivados destes, permitindo que aqueles enunciados que possam ser ditos sejam efetivamente enunciados. Vemos, desse modo, respectivamente, os pensamentos de Chomsky (1978) e Maingueneau (2008), que mais uma vez de diferenciam:

Além disso, a teoria linguística tradicional tinha claramente compreendido que uma das qualidades comuns a todas as línguas é o seu aspecto “criativo”. Assim, uma propriedade essencial da linguagem consiste em fornecer os meios para exprimir um número indefinido de pensamentos e para reagir apropriadamente num conjunto indefinido de novas situações. Assim, a gramática de uma língua particular deve ser completada por uma gramática universal que dê conta do aspecto criativo do uso da linguagem e que formule as regularidades profundas que, por serem universais, são omitidas da gramática propriamente dita. Portanto, é perfeitamente normal para uma gramática discutir apenas exceções e irregularidades detalhadamente. Unicamente quando completada por uma gramática universal é que a gramática de uma língua dá conta totalmente da competência do falante-ouvinte. (CHOMSKY, 1978, p.86).

Isso implica, entre outras coisas, que o sistema de restrições não pode ser concebido como a “essência” de um discurso, seu sentido profundo. Ele é apenas uma estrutura que se pode investir nos universos textuais mais diversos. Certamente, essa estrutura de organização semântica possui uma significação em si mesma, mas cada discurso a explora de maneira específica. Operador de coesão semântica do discurso, o sistema de restrições não é sua chave hermenêutica. É preciso desconfiar, uma vez mais, da leitura em termos de “superfície” e de “profundidade”; um dos interesses de uma semântica global é justamente não depender dessa oposição: dado que todos os planos da discursividade estão submetidos ao mesmo sistema, nenhum pode ser considerado mais “profundo” que os outros. O sistema de restrições é apenas uma das dimensões da discursividade, como o vocabulário ou os dispositivos de enunciação. Ele não é sua “estrutura profunda”. (MAINGUENEAU, 2008, p.73).

Pelo alto grau de abstração da teoria gerativista de Chomsky (1978), principalmente o conceito de competência linguística, observa-se que há um correlato desse conceito com a psicologia, pois os processos sistêmicos e as transformações da língua ocorrem somente dentro do cérebro do indivíduo ideal, de acordo com esse autor, de forma genética e *a priori*. Para a abordagem da Análise do Discurso de linha francesa de Maingueneau (2008), em que o nível de abstração é um pouco mais “materializado”, percebe-se a existência de uma correlação entre o conceito de competência discursiva e a história, pois é a conjuntura histórica (representada por um campo discursivo) a hermenêutica central de produção de efeitos de sentido dos discursos, quaisquer que sejam. Dessa feita, a divergência ainda se mantém:

Para resumir brevemente, existem dois sentidos para a expressão “justificação de uma gramática generativa”. Num nível (o da adequação descritiva), a gramática encontra-se justificada na medida em que descreveu correctamente o seu objecto, nomeadamente a intuição linguística – a competência tácita – do falante nativo. Nesse sentido, a gramática é justificada por argumentos *externos*, por argumentos relativos à correspondência com os factos linguísticos. Num nível muito mais profundo e portanto muito mais raramente

atingível (o da adequação explicativa), uma gramática encontra-se justificada na medida em que é um sistema descritivamente adequado *fundamento em princípios*, o que quer dizer que a teoria linguística com a qual está associada selecciona esta gramática de preferência a outras, a partir de dados linguísticos primários com os quais todas elas são compatíveis. Neste sentido, a gramática é justificada com base em argumentos *internos*, com base em argumentos que dizem respeito à sua relação com uma teoria linguística que constitui uma hipótese explicativa acerca da forma da linguagem como tal. O problema da justificação interna - da adequação explicativa - é essencialmente o problema de construir uma teoria da aquisição da linguagem, uma explicação das capacidades inatas específicas que tornam esta realização possível. (CHOMSKY, 1978, p.109 – 110).

É impossível ir além dessa dupla exigência (ampliar o espaço do Mesmo pela determinação de formações discursivas e modificá-lo pela evidenciação de suas lacunas) enquanto requisito filosófico, mas ela não poderia desqualificar toda idealização por meio de um sistema de competência discursiva. A partir do momento em que alguém não se contenta em percorrer um *corpus* ponto por ponto ou em resumi-lo, mas constrói uma estrutura na qual as relações permanecem invariantes através dos termos particulares que vêm saturá-la, mergulha-se esse *corpus, ipso facto*, em um conjunto aberto de enunciados virtuais bem formados. Para Foucault, já que “a análise enunciativa pode aplicar-se apenas às coisas ditas”<sup>5</sup>, o princípio de uma competência se encontraria excluído; para nós, o desvio por um modelo de competência, por aquilo que *pode* ser dito, permite justamente melhor dar conta do que foi efetivamente dito. A única coisa que importa é não ser levado da competência a uma combinatória a-histórica, ou, ao contrário, por respeito à coisa enunciada, não naufragar na pura descrição. (MAINGUENEAU, 2008, p.49).

A competência linguística de Chomsky (1978) se sustenta numa abordagem descontextualizada, em que apenas características internas da língua são consideradas, como o sistema de sons, o conjunto de frases e o sistema de signos, por exemplo. A competência discursiva de Maingueneau (2008) já se sustenta em uma abordagem “contextualizada”, apresentando características de uma semântica global juntamente com a conjuntura histórica, em que as noções de superfície e profundidade linguísticas são desconsideradas, descartadas, pois é o sistema de restrições semânticas globais que delimitam a posição dos enunciadores e a produção de seus enunciados dentro do discurso especificado. Chomsky (1978) e Maingueneau (2008) discorrem, respectivamente:

Para evitar aquilo que tem sido um mal-entendido contínuo, vale talvez a pena reafirmar que uma gramática generativa não é um modelo do falante ou do ouvinte. Tenta antes caracterizar, em termos tanto quanto possível neutros, o conhecimento da língua que fornece a base para o uso efectivo da mesma por

<sup>5</sup> Arqueologia do saber, p. 126.

um falante-ouvinte. Quando falamos de uma gramática como gerando uma frase com uma determinada descrição estrutural, queremos simplesmente dizer que a gramática atribui esta descrição estrutural à frase. Quando dizemos que uma frase possui uma determinada derivação relativamente a uma gramática generativa particular, nada dizemos sobre a maneira como o falante ou o ouvinte poderia proceder, de um modo prático e eficiente, para construir tal derivação. Estes problemas pertencem à teoria do uso linguístico – a teoria da performance. Não há dúvida que um modelo razoável do uso linguístico incorporará, como componente básico, a gramática generativa que formula o conhecimento da língua por parte do falante-ouvinte; mas esta gramática generativa, em si mesma, não determina a natureza ou o funcionamento dum modelo de percepção ou dum modelo de produção da fala. (CHOMSKY, 1978, p.89-90).

Essa hipótese não equivale, pois, a afirmar o retorno constante do Mesmo, mas somente a distinguir nos discursos uma instância estruturante relativamente estável dentro de certos limites históricos a definir. Afinal, todo discurso é sempre a agregação em um lugar dado de elementos cujo tipo de historicidade é muito variado: a língua, a temática, os modos de organização textuais não estão submetidos às mesmas escansões históricas e eles mesmos agregam elementos cuja temporalidade é muito diversificada (a língua, por exemplo, põe em funcionamento simultaneamente sintaxe e léxico, que se renovam em ritmos muito diferentes). Muito mais genericamente, quer se trate da “pobreza” de cada sistema de competência discursiva ou do número restrito de tipos de sistemas possíveis em uma área dada, tendemos a simplificar lá onde se tem o hábito de diversificar ao infinito. (MAINGUENEAU, 2008, p.74).

Entretanto, podemos destacar que, mesmo se às vezes forçamos um pouco, de alguma maneira, há um ponto de convergência entre as duas noções de competência mobilizadas neste trabalho. Mesmo apresentando abordagens e conjecturas bastantes diferentes uma da outra, não podemos negar, de certa maneira, que a nomenclatura “competência” é um dado em comum presente nas duas teorias. Além disso, podemos afirmar, também, que ambas procuram alçar algo (mesmo que sejam coisas diferentes), desenvolvem estruturas e/ou modelos (cada uma em suas perspectivas), apresentam maneiras específicas de aplicação de regras e uso de sistemas (sejam linguísticos ou discursivos) e fazem correlatos (também com associações diferentes). Em certa medida, as duas competências também compartilham um tipo de conhecimento (igualmente diferentes), que precisa ser adquirido ou já se tem adquirido para que o processo em que estão engajados possa ocorrer. São pontos de união complexos, mas que de alguma forma possibilitam a relação e a reflexão entre essas duas noções de competência aqui expressas.

Tratando-se do termo “competência”, ambas as teorias o relacionam ao sujeito, seja este um falante-ouvinte ideal ou um sujeito discursivo inscrito num determinado posicionamento.

Para as duas teorias, a competência se trata de algo construído no e pelo sujeito, que adquire, de modo inato ou semântico, os conhecimentos e processos de que necessita. Mesmo que a competência linguística de Chomsky (1978) seja de natureza subjacente e a competência discursiva de Maingueneau (2008) seja de natureza ideológica, ambas consideram o sujeito o construtor de seus modelos, quadros e regras.

Portanto, a partir do que foi exposto, relacionado e refletido, podemos afirmar, com certa segurança, que as duas noções de competência mobilizadas aqui apresentaram mais pontos de divergência do que de convergência (mas elas existem), mostrando, contudo, que suas abordagens, sendo uma gerativista chomskyana e a outra da Análise do Discurso de linha francesa, a partir dos pensamentos de Maingueneau (2008), não são totalmente excludentes entre si, havendo uma possibilidade, mesmo que remota, de cruzar o campo semântico do item “competência” para alinhar alguma interlocução entre os dois autores relacionados nesse trabalho.

### Referências bibliográficas

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coord. da tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHOMSKY, N. **Aspectos da teoria da sintaxe**. Armênio Amado Ed., Coimbra, 1978.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

HUMBOLDT, W. Von. **Über die Verschiedenheit des Menschlichen Sprachbaues**. Berlin, 1836.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Artigo recebido em: 13.12.2015

Artigo aprovado em: 27.03.2016